

EDITORA 34

Editora 34 Ltda.

Rua Hungria, 592 Jardim Europa CEP 01455-000

São Paulo - SP Brasil Tel/Fax (11) 3816-6777 [www.editora34.com.br](http://www.editora34.com.br)

Copyright © Editora 34 Ltda. (edição brasileira), 1999

*A dama de espadas: prosa e poemas* (prosa) © Boris Schnaiderman, 1999

*A dama de espadas: prosa e poemas* (poemas)

© Nelson Ascher e Boris Schnaiderman, 1999

A FOTOCÓPIA DE QUALQUER FOLHA DESTE LIVRO É ILEGAL, E CONFIGURA UMA APROPRIAÇÃO INDEVIDA DOS DIREITOS INTELECTUAIS E PATRIMONIAIS DO AUTOR.

Imagem da capa:

*Desenhos a bico-de-pena de Aleksandr Púchkin (1799-1837)*  
*aquarelados por Cynthia Cruttenden*

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica:

*Bracher & Malta Produção Gráfica*

Revisão:

*Alexandre Barbosa de Souza*

1ª Edição - 1999, 2ª Edição - 2006 (1ª Reimpressão - 2008)

Catálogo na Fonte do Departamento Nacional do Livro  
(Fundação Biblioteca Nacional, RJ, Brasil)

Púchkin, Aleksandr, 1799-1837

P077d A dama de espadas: prosa e poemas / Aleksandr  
Púchkin; tradução de Boris Schnaiderman e Nelson  
Ascher — São Paulo: Ed. 34, 1999.  
264 p.

ISBN 85 7326-133-1

I. Poesia russa. 2. Poesia russa. I. Schnaiderman,  
Boris. II. Ascher, Nelson. III. Título. IV. Série.

CDD - 891.78

## A DAMA DE ESPADAS

*Dama de espadas significa  
malevolência secreta.*

O novíssimo livro do cartomante

### I

*Mas,  
tardes de borrasca —  
todos à tasca!*

*Trucavam: cem mais cem!  
Que Deus no além  
lhes perdoe (Amém!).*

*Apostas, riscos, bis!  
Quem ganha faz um x  
com giz.*

*Tardes de borrasca.  
Encargos graves  
na tasca.*

De uma feita, jogava-se em casa de Narumov, oficial da cavalaria da guarda. A longa noite de inverno passou imperceptível; sentaram-se para cear depois das quatro da manhã. Os que saíram ganhando, comiam com grande apetite; os demais ficavam sentados, distraídos, diante dos pratos vazios. No entanto, apareceu champanha, a conversa animou-se e todos participaram dela.

— Como te saíste, Súrin? — perguntou o dono da casa.

— Perdi, como de costume. Devo confessar que não tenho sorte: jogo em *mirândol*,<sup>1</sup> nunca fico excitado, nada consegue me desnortear, e assim mesmo perco sempre!

<sup>1</sup> Termo de carteados da época. Jogar em *mirândol* significava fazer uma pequena aposta sobre duas cartas e, ganhar o lance, dobrar a aposta.

— E não te deixaste seduzir nenhuma vez? Não apostaste em *rute*?...<sup>2</sup> Admiro-me de tua firmeza.

— E que dizer de Hermann?! — perguntou um dos presentes, indicando um jovem engenheiro<sup>3</sup> — Ele nunca segurou cartas nas mãos, nunca estabeleceu uma parada, e ei-lo que fica aqui conosco até as cinco da manhã, vendo-nos jogar.

— O jogo me interessa muito — disse Hermann —, mas sou incapaz de sacrificar o indispensável, na esperança de conseguir o supérfluo.

— Hermann é alemão e, portanto, calculista, eis tudo! — observou Tômski. — E se existe alguém que eu não compreendo em absoluto, é a minha avó, a condessa Ana Fiedóvna.

— Como? O quê? — gritaram os convivas.

— Não consigo atinar — prosseguiu Tômski — com as razões pelas quais a minha avó não faz as suas apostas!

— Mas o que há de surpreendente — disse Narumov — no fato de que uma velha de oitenta anos não faz apostas no carteador?

— Então, vocês não sabem nada a seu respeito?

— Não, palavra, absolutamente nada!

— Oh, neste caso, ouçam:

Devo dizer que a minha avó, uns sessenta anos atrás, viajou para Paris, e esteve lá em grande moda. Era seguida de verdadeira multidão, que procurava ver *la Vénus moscovite*; Richelieu arrastou-lhe a asa, e minha avó assegura que ele quase se suicidou por causa dela, tão cruel.

Naquele tempo, as senhoras jogavam *faraó*.<sup>4</sup> Certa vez, na corte, ela perdeu, sob palavra, ao duque de Orléans uma quantia avultada. Voltando para casa, enquanto desgrudava

<sup>2</sup> Significava apostar sempre na mesma carta.

<sup>3</sup> No caso, oficial da arma da engenharia.

<sup>4</sup> Antigo jogo de cartas.

as moscas do rosto e desamarrava as barbatanas, contou a vovô a sua perda no jogo e ordenou-lhe que a pagasse.

Conforme estou lembrado, vovô era uma espécie de mordomo junto a vovó. Temia-a como ao fogo; todavia, ouvindo a notícia de uma perda assim terrível, ficou exasperado, trouxe um ábaco e demonstrou-lhe que, em meio ano, eles gastaram meio milhão, que não possuíam perto de Paris as suas aldeias de Moscou e de Saratov, e recusou-se pura e simplesmente ao pagamento. Vovó deu-lhe um bofetão e foi dormir sozinha, em sinal da sua má disposição com ele.

No dia seguinte, mandou chamar o marido, esperançosa de que o castigo caseiro tivesse surtido efeito, mas encontrou-o inflexível. Pela primeira vez na vida, ela chegou a argumentar e explicar-se com ele: procurou chamá-lo à razão, demonstrando-lhe com condescendência que há dívidas e dívidas, e que não se poderia proceder com um príncipe como se procederia com um carreteiro. Que nada! Meu avô estava em franca revolta. Só dizia não e não! Vovó não sabia o que fazer.

Ela conhecia intimamente uma pessoa muito admirável, vocês certamente já ouviram falar do conde de Saint-Germain, de quem se contam tantas maravilhas. Vocês sabem que ele se fazia passar pelo Judeu Errante, pelo inventor do elixir de longa vida, da pedra filosofal etc. Zombava-se dele como de um charlatão, e Casanova, nas suas memórias, diz que ele fazia espionagem; aliás, apesar do seu ar de mistério, Saint-Germain tinha aparência muito respeitável e, em sociedade, portava-se com grande gentileza. Vovó até hoje gosta dele até a loucura e fica zangada se alguém fala dele desrespeitosamente. Ela sabia que Saint-Germain podia dispor de muito dinheiro. Decidiu, pois, recorrer a ele. Escreveu-lhe um bilhete, pedindo que fosse vê-la imediatamente.

O velho original apareceu sem tardança e encontrou-a em terrível aflição. Ela descreveu-lhe com as cores mais negras a conduta bárbara do marido e disse por fim que depositava todas as esperanças na sua amizade e espírito prestativo.

Saint-Germain pôs-se a refletir.

“Posso fornecer-lhe esta quantia — disse ele —, mas sei que não sossegará, enquanto não ficar quites comigo, e eu não gostaria de lhe dar novos cuidados. Existe um outro meio: pode ganhar no jogo.” — “Mas, meu caro conde — respondeu vovó —, eu lhe digo que nós não temos nenhum dinheiro.” — “No caso, não se precisa de dinheiro — replicou Saint-Germain —, queira ouvir-me.” E então revelou-lhe um segredo, pelo qual cada um de nós seria capaz de pagar muito...

Os jovens jogadores redobram a atenção. Tômski acendeu o cachimbo, aspirou a fumaça e prosseguiu.

Na mesma noite, vovó foi a Versalhes, *au jeu de la Reine*. Bancava o duque de Orléans; vovó desculpou-se livremente por não ter trazido o dinheiro da dívida, inventando para justificar-se uma pequena história, e começou a apostar contra ele. Escolheu três cartas, fazendo sucessivamente as apostas: todas as três ganharam, e vovó recuperou tudo o que perdera.

— Puro acaso! — disse um dos convivas.

— Balelas! — observou Hermann.

— As cartas não estavam marcadas? — acudiu um terceiro.

— Não creio — respondeu Tômski gravemente.

— Como! — disse Narumov. — Tens uma avó que adivinha três cartas seguidas, e até hoje não obtiveste dela o segredo cabalístico?

— Sim, com os diabos! — respondeu Tômski. — Ela teve quatro filhos, inclusive meu pai, todos jogadores inveterados, e a nenhum deles contou o segredo, embora isto não fosse mau para eles, e até para mim também. Mas eis o que me contou o meu tio, o conde Ivan Ilitch, e cuja veracidade me afiançou pela sua honra. O falecido Tchaplítzki, aquele mesmo que morreu na miséria, depois de esbanjar milhões, certa vez, quando jovem ainda, perdeu cerca de trezentos mil rublos, se não me engano, a Zóritch. Estava desesperado. Vo-

vó, que sempre fora severa com as traquinices dos jovens, teve pena de Tchaplítzki. Deu-lhe três cartas, para que apostasse nelas seguidamente, e obteve dele a palavra de honra de que nunca mais jogaria. Tchaplítzki foi à casa do seu vencedor, e sentaram-se para jogar. Ele apostou cinqüenta mil na primeira carta e ganhou; dobrou a parada e ganhou de novo; de maneira idêntica, saiu-se com a terceira carta — e assim pôde ressarcir o prejuízo e ainda obter lucro...

Mas está na hora de dormir: já são quinze para as seis.

Com efeito, o dia começava a clarear: os rapazes tomaram os derradeiros cálices e separaram-se.

## II

— *Il paraît que monsieur est  
décidément pour les suivantes!*<sup>5</sup>  
— *Que voulez-vous, madame?*  
*Elles sont plus fraîches.*

Conversa em sociedade

A velha condessa... estava no seu quarto de vestir, sentada em frente de um espelho. Cercavam-na três criaturas. Uma tinha na mão um pote de carmim, a outra uma caixa de grampos, a terceira uma touca alta, com fitas cor de fogo. A condessa não tinha qualquer pretensão de beleza, que já murchara havia muito, mas conservava todos os hábitos da sua mocidade, seguia a rigor as modas da década de 1770 e dedicava a trajar-se o mesmo cuidado e tempo de sessenta anos atrás. Uma jovem, sua pupila, estava sentada junto a um bastidor, perto da janela.

— Bom dia, *grand'maman* — disse entrando um jovem

<sup>5</sup> Em francês arcaico, *suivante* significava criada ou dama de companhia.

oficial. — *Bonjour, mademoiselle Lise. Grand'maman*, tenho um pedido a fazer à senhora.

— O que é, Paul?

— Permita-me apresentar-lhe um dos meus amigos e trazê-lo para o baile de sexta-feira.

— Traze-o diretamente para o baile, e então farás a apresentação. Estiveste ontem em casa de...?

— Como não?! Estava muito divertido; dançamos até as cinco. Como a Ieliétzkaia estava bonita!

— Ih, meu caro! O que há nela de bonito? Bem diferente era a avó, a condessa Dária Pietrovna... E a propósito: está muito envelhecida a condessa Dária Pietrovna?

— Como: envelhecida? — respondeu Tômski, distraído. — Faz sete anos já que ela morreu.

A moça levantou a cabeça e fez um sinal ao rapaz. Ele se lembrou então de que estavam escondendo da velha condessa a morte das suas contemporâneas, e mordeu o lábio. Mas a condessa ouviu aquela notícia com grande indiferença.

— Morreu! — disse ela. — E eu nem sabia! Fomos nomeadas juntas damas de honra, e, quando nos apresentamos, a imperatriz...

E, pela centésima vez, contou ao neto a mesma história.

— Bem, Paul — disse ela em seguida —, ajuda-me agora a levantar-me. Lísanka,<sup>6</sup> onde está a minha tabaqueira?

E, acompanhada das suas criadas, a condessa foi para trás dos biombos a fim de terminar a toailete. Tômski ficou a sós com a moça.

— Quem é que o senhor quer apresentar? — perguntou baixo Lisavieta<sup>7</sup> Ivânovna.

— Narumov. Conhece-o?

— Não. É militar ou civil?

— Militar.

<sup>6</sup> Diminutivo de Ielisavieta (Elisabete).

<sup>7</sup> Outra forma de Ielisavieta.

— Da engenharia?

— Não! Da cavalaria. Mas, por que pensou que ele fosse da engenharia?

A moça riu e não respondeu.

— Paul! — gritou a condessa de trás dos biombos. — Manda-me algum romance que ainda não li, mas, por favor, que não seja dos novos.

— Como assim, *grand'maman*?

— Quero dizer: um romance em que o herói não estrangule o pai, nem a mãe, e em que não haja afogados. Eu tenho um medo terrível de afogados.

— Tais romances não existem mais. Não quer algum russo?

— Mas existem romances russos?... Manda-me um, meu caro, manda-me, por favor!

— Perdoe-me, *grand'maman*, estou com pressa... Perdoe-me, Lisavieta Ivânovna! Mas por que pensou que Narumov fosse da engenharia?

E Tômski saiu do quarto de vestir.

Lisavieta Ivânovna ficou sozinha; ela deixou o trabalho e pôs-se a olhar pela janela. Pouco depois, um jovem oficial apareceu, dobrando a casa da esquina. Um rubor cobriu as faces da moça; ela retomou o trabalho, quase encostando a cabeça à talagarça. Nesse ínterim, apareceu a condessa, que acabara de se vestir.

— Mande, Lísanka — disse ela —, atrelar a carruagem, e vamos passear.

Lísanka ergueu-se de junto do bastidor e começou a arrumar os petrechos.

— Que é isso? Minha mãe! Estás surda? — gritou a condessa. — Mande o quanto antes atrelar a carruagem.

— Já vou! — respondeu baixo a moça e correu para o vestíbulo.

Entrou um criado e entregou à condessa livros enviados pelo príncipe Páviel Aleksândrovitch.

— Está bem! Agradeça — disse a condessa. — Lísanka, Lísanka! Mas para onde estás correndo?

— Vestir-me.

— Ainda é cedo, meu bem. Senta-te aqui. Abre o primeiro volume; lê alto...

A moça apanhou o livro e leu algumas linhas.

— Mais alto! — disse a condessa. — O que te está acontecendo? Minha mãe! Estás rouca?... Espera um pouco: empurra o banquinho, mais perto de mim... vamos!

Lisavieta Ivânovna leu mais duas páginas. A condessa bocejou.

— Larga este livro — disse ela —, que tolices! Envia isto de volta ao príncipe Páviel e manda agradecer... Mas, onde está a carruagem?

— A carruagem está pronta — disse Lisavieta Ivânovna, depois de lançar um olhar para a rua.

— E por que não estás vestida? — disse a condessa. — Sempre tenho que te esperar! Isto é insuportável, meu bem.

Lisa<sup>8</sup> correu para o quarto. Não passaram nem dois minutos, e a condessa começou a tocar a campainha com toda a força. Três empregadas entraram correndo por uma porta, um laçao por outra.

— Por que não se consegue fazer com que vocês apareçam? — perguntou-lhes a condessa. — Digam a Lisavieta Ivânovna que eu a estou esperando.

Lisavieta Ivânovna entrou de roupão e de chapéu pequeno.

— Finalmente, minha mãe! — disse a condessa. — Mas que trajes são esses?! Para que isto?... Para seduzir a quem?... E como está o tempo? Parece que há vento.

— Não, Vossa Alteza! O tempo está muito quieto! — respondeu o laçao.

— Vocês sempre falam ao acaso! Abra um postigo. É

<sup>8</sup> Outro diminutivo de Ielisavieta.

isso mesmo: vento! E muito frio! Desatrelem a carruagem! Lísanka, nós não vamos mais: não precisava enfeitar-se.

“Eis a minha vida!” — pensou Lisavieta Ivânovna.

De fato, Lisavieta Ivânovna era uma criatura extremamente infeliz. É amargo o pão alheio, diz Dante, e penosos os degraus da porta de outrem,<sup>9</sup> e quem melhor pode conhecer a amargura da dependência que a pobre pupila de uma velha da alta nobreza? A condessa..., naturalmente, não tinha alma perversa; mas era voluntariosa, como uma mulher mimada pela sociedade, avarenta, e vivia imersa num frio egoísmo como todas as pessoas idosas que amaram muito em seu tempo e são estranhas à época presente. Ela participava de todos os divertimentos frívolos da alta sociedade, arrastava-se para os bailes, onde ficava sentada num canto, pintada de carmim e vestida à moda antiga, como um enfeite monstruoso e indispensável do salão de baile; os convidados que chegavam, aproximavam-se dela com profundas mesuras, como que seguindo um cerimonial prestabelecido, e depois ninguém mais se ocupava dela. Recebia em casa a cidade inteira, observando uma etiqueta severa e não reconhecendo nenhum dos visitantes. A sua numerosa criadagem, que engordara e envelhecera no seu vestibulo e nos quartos dos fundos, fazia o que bem entendia porfiando em roubar a velha moribunda. Lisavieta Ivânovna era a mártir da casa. Ela servia o chá e era censurada pelos gastos excessivos de açúcar; lia alto romances, sendo culpada de todos os erros do autor; acompanhava a condessa nos passeios, e era responsável pelo tempo que fazia e pelo estado de conservação das ruas. Foi-lhe estabelecido um ordenado, que nunca se pagava na íntegra; e no entanto, exigia-se dela que se vestisse como todos, isto é, co-

<sup>9</sup> Alusão à *Divina comédia* — “Paradiso”, XVII, 58-60:

*Tu poverai sí come sa di sale  
Il pane altrui e come è duro calle  
Lo scendere e'l salir per l'altrui scale.*

mo bem poucos. Na sociedade, ela desempenhava o mais lastimável dos papéis. Todos conheciam-na e ninguém a notava; nos bailes, dançava unicamente quando faltava um par, e as senhoras pegavam-na pelo braço, sempre que precisavam ir à toalete a fim de consertar algo no traje. Ela possuía amor-próprio, sentia vivamente a sua condição e sempre olhava em volta, esperando com impaciência o seu libertador; mas os rapazes, calculistas em sua vaidade de ventoinhas, não se dignavam a dispensar-lhe atenção, embora Lisavieta Ivânovna fosse cem vezes mais simpática do que as casadouras frias e impertinentes junto às quais eles borboleteavam. Quantas vezes, deixando sem ruído uma sala de visitas imponente e tediosa, ela ia chorar em seu pobre quarto, onde havia biombo forrados de papel de parede, uma cômoda, um pequeno espelho e uma cama pintada, e onde uma vela de sebo ardia sem muita luz num castiçal de cobre!

De uma feita — isto aconteceu dois dias depois da noite descrita no início desta novela, e uma semana antes da cena em que nos detivemos —, de uma feita, Lisavieta Ivânovna, sentada ao bastidor, sob a janela pequena, olhou sem querer para a rua e viu um jovem engenheiro, imóvel, os olhos dirigidos para a sua janela. Ela baixou a cabeça e ocupou-se novamente do seu trabalho; cinco minutos depois, tornou a olhar: o jovem oficial permanecia no mesmo ponto. Não tendo o hábito do coquetismo com oficiais transeuntes, ela deixou de olhar para a rua e ficou bordando perto de duas horas, sem levantar a cabeça. Serviram o jantar. Ela se levantou, começou a arrumar o seu bastidor e, olhando sem querer para a rua, viu novamente o oficial. Isto lhe pareceu bastante estranho. Depois do jantar, acercou-se da janela, com certo sentimento de inquietação, mas o oficial não estava mais ali, e ela o esqueceu...

Passados dois dias, saindo com a condessa para tomar a carruagem, ela tornou a vê-lo. Estava parado junto à própria entrada da casa, o rosto escondido na gola de castor: os

seus olhos negros cintilavam sob o chapéu. Lisavieta Ivânovna assustou-se, sem saber por quê, e sentou-se na carruagem, presa de inexplicável palpitação.

Voltando para casa, correu para a janelinha — o oficial estava parado no lugar de sempre, os olhos fixos nela; a moça afastou-se, torturando-se de curiosidade e perturbada por um sentimento que lhe era completamente novo.

A partir de então, não passava dia sem que, numa hora determinada, o rapaz aparecesse sob as janelas da casa. Estabeleceram-se entre eles relações não combinadas previamente. Sentada com o seu trabalho, ela sentia a aproximação dele; erguia então a cabeça e olhava-o, cada dia mais prolongadamente. O rapaz parecia estar-lhe agradecido por isto: ela percebia com o olhar agudo da mocidade que um rubor cobria-lhe rapidamente as faces pálidas, toda vez que os seus olhares se encontravam. Depois de uma semana, ela sorriu-lhe...

Quando Tômski pediu à condessa autorização para apresentar-lhe um amigo, o coração da pobre moça pôs-se a bater. Mas, ao inteirar-se de que Narumov servia na cavalaria e não na engenharia, lamentou ter confessado, com aquela pergunta indiscreta, o seu segredo ao ventoinha Tômski.

Hermann era filho de um alemão russificado, que lhe deixara uma pequena herança. Estando firmemente convencido da necessidade de firmar a sua independência, não tocava nem nos juros daquele capital, vivia unicamente com o seu ordenado e não se permitia a menor extravagância. Aliás, era reservado e ambicioso, e os seus companheiros raramente tinham oportunidade de rir da sua excessiva economia. Possuía fortes paixões e imaginação esfogueada, mas a sua firmeza salvou-o dos habituais erros da mocidade. Assim, por exemplo, sendo um jogador inato, nunca pegava em cartas, pois calculara que os seus meios (conforme dizia) não lhe permitiam sacrificar o indispensável, na esperança de obter o supérfluo, e, no entanto, passava noites a fio junto às mesas de jogo e seguia com uma perturbação febril os diferentes lances.

A história das três cartas atuou-lhe fortemente sobre a imaginação, e não lhe saiu da cabeça a noite inteira. “E que tal — pensou à noitinha do dia seguinte, vagando por Petersburgo —, e que tal se a velha condessa me revelasse o seu segredo?! Que tal se me indicasse essas três cartas seguras?! Por que não tentar a minha felicidade?... Apresentar-me a ela, obter a sua benevolência, tornar-me talvez seu amante, mas, para tudo isto, se requer tempo, e ela tem oitenta e sete anos, pode morrer dentro de uma semana, dentro de dois dias!... E quanto à própria história, será digna de crédito?... Não! Cálculo, moderação e operosidade, eis as minhas três cartas seguras, eis o que há de triplicar, multiplicar por sete o meu capital, e o que me trará independência e tranqüilidade!”

Raciocinando assim, foi parar numa das ruas principais de Petersburgo, diante de um prédio de construção antiga. A rua estava cheia de carruagens, que, uma após outra, dirigiam-se para a entrada iluminada do prédio. A cada instante, estendiam-se para fora das carruagens ora a perna esbelta de uma jovem linda, ora uma polaina barulhenta, ora uma meia listada e um sapato diplomático. Capas e peliças passavam rapidamente junto ao porteiro imponente. Hermann deteve-se.

— De quem é esta casa? — perguntou ele ao vigia que ficava na guarita da esquina.

— Da condessa... — respondeu o vigia.

Hermann ficou perturbado. A surpreendente história apresentou-se-lhe mais uma vez à imaginação. Pôs-se a caminhar junto à casa, pensando na dona e na sua extraordinária capacidade. Regressou tarde ao seu pacato cantinho; ficou muito tempo sem conseguir adormecer, e, quando o sono se apossou dele, sonhou com cartas, uma mesa verde, maços de cédulas e pilhas de moedas de ouro. Jogava uma carta após outra, dobrava decididamente as paradas, ganhava sem cessar, puxava para si o ouro e punha as cédulas no bolso. Acordando tarde, lamentou com um suspiro a perda da sua riqueza fantástica, foi novamente vaguear pela cidade e achou-se mais

uma vez em frente da casa da condessa... Uma força ignota parecia atraí-lo para essa casa. Deteve-se e começou a olhar as janelas. Numa delas, viu uma cabecinha de cabelos pretos, inclinada provavelmente sobre um livro ou um trabalho manual. A cabeça levantou-se um pouco. Hermann viu um rostinho viçoso e olhos negros. Esse instante decidiu o seu destino.

### III

*Vous m'écrivez, mon ange, des lettres de  
quatre pages plus vite que je ne puis les lire.*

De uma carta

Lisavieta Ivânovna mal teve tempo de tirar o roupão e o chapéu, quando a condessa mandou chamá-la e ordenou mais uma vez preparar a carruagem. Elas dirigiram-se para o carro. No mesmo instante em que dois lacaios suspendiam a velha e faziam-na passar pela portinhola, Lisavieta Ivânovna viu o seu engenheiro bem junto à roda; ele agarrou-lhe a mão; ela ainda não voltara a si do susto, quando o rapaz desapareceu, e a moça ficou com uma carta na mão. Escondeu-a dentro da luva e, no decorrer de todo o percurso, não viu nem ouviu nada. Na carruagem, a condessa costumava fazer a todo instante perguntas: quem foi que passou perto do nosso carro? Como se chama esta ponte? O que está escrito naquela placa? Desta vez, Lisavieta Ivânovna respondia sem nexo e fora de propósito, e deixou a condessa irritada.

— O que foi que te aconteceu? Minha mãe! É um estado de estupor? Tu não me ouves ou não me compreendes?... Graças a Deus, não deixo de rolar os meus erres e ainda não fiquei caduca!

Lisavieta Ivânovna não a ouvia. Ao voltarem para casa, correu para o quarto e tirou a carta de dentro da luva: o envelope não estava colado. Lisavieta Ivânovna leu a carta. Con-

tinha uma declaração de amor: era terna, respeitosa e tirada palavra por palavra de um romance alemão. Mas Lisavieta Ivânovna não sabia alemão e ficou muito contente.

No entanto, a carta inquietava-a ao extremo. Pela primeira vez, ela iniciava relações secretas e íntimas com um jovem. O atrevimento dele causava-lhe horror. Ela censurava-se a conduta irrefletida e não sabia o que fazer: deixar de sentar-se à janela e, com a sua desatenção, esfriar no jovem oficial o gosto por novas perseguições? Mandar-lhe de volta a carta? Responder-lhe fria e decididamente? Não tinha com quem se aconselhar, não possuía amiga nem conselheira. E Lisavieta Ivânovna resolveu responder à carta.

Sentou-se à escrivaninha, apanhou a pena, o papel, e ficou pensativa. Começou a carta algumas vezes, rasgando-a sempre: ora as expressões usadas pareciam-lhe demasiado condescendentes, ora muito cruéis. Finalmente, conseguiu escrever algumas linhas que a deixaram bem satisfeita. “Estou certa — escreveu ela — de que o senhor tem intenções sérias e que não pretendeu ofender-me com o seu ato impensado; mas as nossas relações não deveriam começar deste modo. Devolvo-lhe a sua carta e espero não ter no futuro motivos de queixa, devido a desrespeito imerecido.”

No dia seguinte, vendo Hermann que caminhava na rua, Lisavieta Ivânovna ergueu-se de junto do seu bastidor, foi para a sala, abriu o postigo da janela e jogou a carta sobre a calçada, confiando na agilidade do jovem oficial. Hermann correu um pouco, levantou o envelope e entrou numa confeitaria. Arrancando o lacre, encontrou a sua carta e a resposta de Lisavieta Ivânovna. Era o que esperava, e voltou para casa, achando muito divertida a sua aventura.

Três dias depois, uma costureirinha jovem, de olhos vivos, trouxe para Lisavieta Ivânovna um bilhete da casa de modas. Lisavieta Ivânovna abriu-o sobressaltada, prevendo exigências de dinheiro, mas de repente reconheceu a letra de Hermann.

— Está enganada, benzinho — disse ela —, este bilhete não é para mim.

— Não, é para a senhora mesmo! — respondeu a desembaraçada moça, não escondendo um sorriso brejeiro. — Queira ler!

Lisavieta Ivânovna passou os olhos no bilhete. Hermann exigia uma entrevista.

— Não pode ser! — disse Lisavieta Ivânovna, assustada tanto com a premência do que se exigia dela quanto com o meio empregado. — Esta carta não deve ser para mim! — E rasgou-a em pedacinhos.

— Se a carta não era para a senhora, por que a rasgou? — disse a costureirinha. — Eu a devolveria a quem a enviou.

— Por favor, benzinho! — disse Lisavieta Ivânovna, abraçando-se após essa observação — Não me traga mais bilhetes. E diga àquele que lhe mandou fazer isto que ele deveria ter vergonha...

Mas Hermann não sossegou. Lisavieta Ivânovna recebia dele cartas diárias, ora desta ora daquela maneira. Elas não eram mais traduzidas do alemão. Hermann escrevia-as inspirado na paixão, e expressava-se na linguagem que lhe era própria; manifestava-se nelas tanto o incoercível dos seus desejos como a desordem de uma imaginação desenfreada. Lisavieta Ivânovna não pensava mais em mandá-las de volta; inebriava-se com elas; passou a responder-lhe, e os seus bilhetes tornavam-se cada vez mais longos e carinhosos. Finalmente, atirou-lhe pela janela a seguinte carta:

*“Hoje, há um baile na embaixada da... A condessa estará lá. Ficaremos no baile até umas duas horas. Eis a sua oportunidade de me encontrar a sós. Logo que a condessa partir, os criados provavelmente vão se dispersar, no vestibulo ficará apenas o porteiro, mas também ele costuma ir depois para o seu cubículo. Venha às onze e meia. Vá di-*

*retamente para a escada. Se encontrar alguém na ante-sala, pergunte se a condessa está em casa. Vão dizer-lhe que não — e então não haverá remédio. Terá que ir embora. Mas provavelmente não encontrará ninguém. As criadas costumam reunir-se todas no mesmo quarto. Da ante-sala, vá para a esquerda, sempre em frente, até o quarto da condessa. Neste, verá atrás de uns biombos duas portas pequenas: a da direita dá para o escritório, onde a condessa nunca entra; a da esquerda, para um corredor, e ali mesmo há uma escada estreita em caracol: ela leva ao meu quarto.”*

Esperando a hora marcada, Hermann fremia como um tigre. Às dez da noite, já estava diante da casa da condessa. Fazia um tempo horrível: o vento uivava, a neve molhada caía em grandes flocos, os lampiões espalhavam uma luz débil; as ruas estavam desertas. De raro em raro, um cocheiro arrastava-se com o seu esquálido rocim, procurando encontrar algum passageiro retardatário. Hermann estava de sobrecasaca, sem outro agasalho, não sentindo o vento nem a neve. Finalmente, trouxeram a carruagem da condessa. Hermann viu a velha encurvada sair amparada por uns lacaios, envolta numa peliça de zibelina, e depois aparecer furtivamente a sua pupila, de capa leve e com a cabeça enfeitada de flores naturais. A portinhola bateu. A carruagem rolou pesadamente sobre a neve fofa. O porteiro fechou a portinhola. As janelas se escureceram. Hermann pôs-se a caminhar junto à casa deserta; acercou-se do lampião e consultou o relógio — eram onze e vinte. Ficou sob o lampião, os olhos fixos no ponteiro, à espera dos minutos que faltavam. Às onze e meia em ponto, subiu para o patamar à entrada da casa e entrou no vestíbulo fortemente iluminado. O porteiro não estava ali. Hermann subiu correndo a escada, abriu a porta para a ante-sala e viu um criado que dormia sob uma lâmpada, numa

poltrona antiga e suja. O rapaz passou por ele, com passo leve e firme. O salão e a sala de visitas estavam às escuras. A lâmpada da ante-sala iluminava-os fracamente. Hermann entrou no quarto de dormir. Uma lâmpada votiva de ouro brilhava fracamente diante de um oratório cheio de velhos ícones. Poltronas de damasco desbotado e divãs com travesseiros de penas e com dourados descascados estavam dispostos em triste simetria junto às paredes, forradas de papel chinês. Numa parede, havia dois retratos, pintados em Paris por *Mme. Lebrun*. Um deles representava um homem quarentão, corado e corpulento, de uniforme verde-claro e com uma condecoração; o outro, uma bela jovem, de nariz aquilino e com uma rosa nos cabelos empoados, levantados sobre as têmporas. Por todos os cantos, viam-se pastoras de porcelana, relógios de mesa fabricados pelo glorioso Leroy, caixinhas, carretéis de fitas e toda sorte de brinquedos de senhora, inventados no fim do século passado, a par do balão de Montgolfier e do magnetismo de Mesmer. Hermann foi para trás dos biombos. Havia ali uma pequena cama de ferro; à direita, ficava uma porta, que dava para o escritório; à esquerda, outra para o corredor. Hermann abriu-a, viu uma escada estreita em caracol, dando para o quarto da pobre pupila... Mas ele voltou e entrou no escritório escuro.

O tempo passava lentamente. Tudo estava em silêncio. Na sala de visitas, bateram as doze; em todos os quartos, os relógios bateram as doze, um após outro, e tudo tornou a silenciar. De pé, Hermann encostava-se à estufa fria. Estava tranqüilo; o coração batia-lhe regularmente, como o de um homem que se decidiu a algo perigoso, mas indispensável. Os relógios bateram uma e duas da madrugada, e ele ouviu o som distante de uma carruagem. Apossou-se dele uma perturbação involuntária. A carruagem aproximou-se e parou. Ele ouviu o ruído do estribo que baixava. Houve agitação na casa. Uns criados correram, ressoaram vozes e a casa se iluminou. Três velhas criadas irromperam no quarto, e a condes-

sa, mais morta do que viva, entrou e deixou-se cair numa poltrona Voltaire. Hermann espiava por uma fenda: Lisavieta Ivânovna passou junto a ele. Ouvia os seus passos apressados, nos degraus da escada de caracol. No coração dele, ressoou algo parecido com remorso, mas tornou a calar-se. Fez-se de pedra.

A condessa começou a despir-se em frente do espelho. Despregaram-lhe a touca, ornada de rosas; tiraram-lhe a peruca empoada da cabeça de cabelos brancos aparados rente. Os alfinetes choviam à sua volta. O vestido amarelo, bordado a prata, caiu aos seus pés inchados. Hermann foi testemunha dos mistérios repugnantes de sua toalete; finalmente, a condessa ficou de penteador e touca de dormir: nesse traje mais adequado à sua idade, ela parecia menos horrível e disforme.

A exemplo de todas as pessoas idosas, a condessa sofria de insônia. Depois de se despir, sentou-se à janela, em sua poltrona Voltaire, e mandou embora as criadas. Levaram dali as velas e o quarto ficou novamente iluminado apenas com a lâmpada votiva. A condessa estava sentada, toda amarela, movendo os lábios pendidos e balançando-se para direita e para esquerda. Os seus olhos baços expressavam absoluta ausência de pensamento; olhando-a, podia-se pensar que o movimento da horrenda anciã provinha não da sua vontade, mas da ação de uma corrente galvânica secreta.

De repente, aquele rosto de cadáver transformou-se inexplicavelmente. Os lábios deixaram de se mover, os olhos ficaram mais vivos: um homem desconhecido estava em frente da condessa.

— Não se assuste, pelo amor de Deus, não se assuste! — disse ele, em voz baixa, mas bem distinta. — Não pretendo fazer-lhe mal: venho implorar-lhe um favor.

A velha olhava-o em silêncio, e parecia não ouvir. Hermann imaginou que ela estivesse surda e, inclinando-se bem ao seu ouvido, repetiu-lhe o mesmo. A velha ainda se manteve calada.

— A senhora pode — prosseguiu Hermann — fazer a felicidade da minha vida, e isto não lhe custará nada: eu sei que a senhora pode adivinhar três cartas em seguida...

Hermann calou-se. A condessa pareceu compreender o que se exigia dela; aparentemente, procurava palavras para responder.

— Isto foi uma brincadeira — disse ela afinal —, eu lhe juro! Uma simples brincadeira!

— Não se deve brincar com isto — replicou zangado Hermann. — Lembre-se de Tchaplitzki, a quem a senhora ajudou a recuperar o que perdera.

A condessa pareceu perturbada. Os seus traços expressaram uma viva emoção, mas logo ela recaiu em seu estado de insensibilidade.

— A senhora pode — prosseguiu Hermann — indicar-me essas três cartas seguras?

A condessa continuava calada; Hermann prosseguiu:

— Para quem vai guardar o seu segredo? Para os netos? Eles são ricos mesmo sem isto, e não conhecem o valor do dinheiro. Estas suas três cartas de nada adiantarão a um perdulário. Quem não sabe guardar a herança paterna, sempre acabará morrendo na miséria, apesar de quaisquer empenhos demoníacos. Eu não sou perdulário; conheço o valor do dinheiro. As suas três cartas não estarão perdidas comigo. Vamos!...

Esperou fremindo a sua resposta. A condessa calava-se sempre; Hermann ajoelhou-se.

— Se algum dia — disse ele — o seu coração conheceu o sentimento do amor, se a senhora lembra-se desses enlevos, se já sorriu ao menos uma vez ouvindo o choro do filho recém-nascido, se algo humano já pulsou em seu peito, eu lhe imploro, pelo amor de esposa, de amante, de mãe, por tudo o que existe de sagrado, não recuse o meu pedido! Desvende-me o seu segredo! De que lhe adianta?... Talvez ele esteja ligado a um pecado horrível, à perda da salvação eterna, a um pacto demoníaco... Pense um pouco: a senhora é velha: res-

ta-lhe pouco para viver — e eu estou disposto a tomar o seu pecado sobre a minha alma. Desvende-me apenas o seu segredo. Pense que a felicidade de um homem está nas suas mãos; que não somente eu, mas também os meus filhos, netos e bisnetos hão de abençoar a sua memória e venerá-la como um sacrário...

A velha não respondeu palavra.

Hermann levantou-se.

— Velha bruxa! — disse ele, cerrando os dentes. — Vou obrigá-la a responder...

Dito isto, tirou do bolso uma pistola.

Vendo a arma, a condessa manifestou pela segunda vez forte emoção. Balançou a cabeça e levantou o braço, como que se protegendo do tiro... Em seguida, caiu de costas... e ficou imóvel.

— Deixe de brincadeira — disse Hermann, tomando-lhe a mão. — Pergunto-lhe pela última vez: quer indicar-me as suas três cartas? Sim ou não?

A condessa não respondeu. Hermann percebeu que estava morta.

#### IV

7 Mai 18...

*Homme sans moeurs et sans religion!*

De uma carta

Lisavieta Ivânovna, ainda em traje de baile, estava sentada em seu quarto, imersa em profunda meditação. Assim que chegara, apressara-se a dispensar a criada sonolenta que lhe oferecera de má vontade os seus préstimos; disse-lhe que ia despir-se sozinha, e entrou trêmula no quarto, esperando encontrar ali Hermann, e não querendo encontrá-lo. Certificou-se, ao primeiro olhar, da sua ausência e agradeceu ao

destino o obstáculo que impedira aquela entrevista. Sentou-se sem se despir, e começou a lembrar todas as circunstâncias que a arrastaram tão longe em tão pouco tempo. Não passaram ainda três semanas desde que ela vira da sua janelinha, pela primeira vez, aquele jovem, e já mantinha correspondência e ele conseguira dela uma entrevista noturna! Ela conhecia o nome dele unicamente pelo fato de que algumas das suas cartas estavam assinadas; nunca falara com ele, não lhe ouvira a voz, jamais soubera algo a seu respeito... até aquela noite. Coisa estranha! Naquela mesma noite, no baile, Tômski, despeitado com a jovem princesa Polina..., que, contrariando os seus hábitos, usava de coquetismo com outro em lugar dele, quisera vingar-se dela, manifestando-lhe indiferença; ele chamara Lisavieta Ivânovna e dançara com ela uma infundável mazurca. O tempo todo, gracejou sobre o seu fraco pelos oficiais de engenharia, assegurou-lhe que sabia muito mais do que ela podia supor, e alguns dos seus gracejos eram tão acertados que Lisavieta Ivânovna pensou algumas vezes que o seu segredo lhe era conhecido.

— Por intermédio de quem sabe tudo isto? — perguntou ela, rindo.

— De um amigo do rapaz que a senhorita conhece — respondeu Tômski —, uma pessoa muito notável!

— E quem é essa pessoa notável?

— Chama-se Hermann.

Lisavieta Ivânovna não respondeu, mas as suas pernas e braços ficaram gelados...

— Esse Hermann — prosseguiu Tômski — é uma pessoa realmente romântica: tem perfil de Napoleão e alma de Mefistófeles. Penso que lhe pesam pelo menos três crimes na consciência. Mas como ficou pálida!...

— Estou com dor de cabeça... Mas o que lhe disse esse Hermann... ou, como se chama?...

— Hermann está muito descontente com o seu amigo, e afirma que, em seu lugar, procederia de modo bem diferen-

te... Eu suponho até que o próprio Hermann tem certas intenções em relação à senhorita, pelo menos é de modo nenhum com indiferença que ele ouve os transportes amorosos do amigo.

— Mas onde foi que ele me viu?

— Na igreja, talvez em algum passeio!... Deus sabe! Talvez no seu quarto, enquanto a senhorita dormia; é capaz de tudo...

Três senhoras que se acercaram deles com a pergunta: *oubli ou regret?*<sup>10</sup> interromperam aquela conversa, que se estava tornando dolorosamente interessante para Lisavieta Ivânovna.

A senhora escolhida por Tômski era a própria princesa. Ela conseguiu explicar-se com ele, dando uma corrida a mais em volta do salão e girando uma vez a mais diante da cadeira, antes de se sentar. Voltando para o seu lugar, Tômski não pensava mais em Hermann, nem em Lisavieta Ivânovna. Ela queria sem falta recomeçar a conversa interrompida; mas a mazurca terminou e, pouco depois, a velha condessa voltou para casa.

As palavras de Tômski não eram mais que tagarelice de baile, mas elas penetraram fundo na alma da jovem sonhadora. O retrato esboçado por Tômski assemelhava-se à imagem que ela mesma formara, e, graças aos romances recen-tíssimos, este semblante, tornado vulgar, assustava e seduzia-lhe a imaginação. Ficou sentada, cruzados os braços nus, a cabeça inclinada sobre o peito descoberto, ainda ornado de flores... De repente, a porta se abriu e Hermann entrou. A moça estremeceu...

— Onde esteve? — perguntou ela, num murmúrio assustado.

<sup>10</sup> Adivinhação de salão, em moda na época, e pela qual se escolhiam os pares para dançar. Duas damas combinavam a palavra que pertencia a cada uma, e a resposta do cavalheiro indicava qual delas devia dançar.

— No quarto da velha condessa — respondeu Hermann —, venho agora de lá. A condessa morreu.

— Meu Deus!... O que me diz?...

— E ao que parece — prosseguiu Hermann —, fui a causa da sua morte.

Lisavieta Ivânovna olhou para ele e ressoaram-lhe na alma as palavras de Tômski: *este homem tem pelo menos três crimes na consciência!* Hermann sentou-se ao seu lado, no rebordo da janela, e contou-lhe tudo.

Lisavieta Ivânovna ouviu-o horrorizada. Então, todas aquelas cartas apaixonadas, aquelas exigências inflamadas, aquela perseguição atrevida, persistente, tudo aquilo não era amor! Dinheiro, eis o que ambicionava a sua alma! Não era ela quem podia aplacar os seus desejos e torná-lo feliz! A pobre pupila não fora mais que a cega cúmplice de um bandido, do assassino da sua velha benfeitora!... E ela chorou amargamente, num arrependimento tardio, torturante. Hermann olhava-a calado; o coração dele sofria também, mas nem as lágrimas da pobre moça, nem o surpreendente encanto da sua aflição perturbaram-lhe a alma rude. Ele não sentia remorso, ao lembrar-se da velha morta. Horrorizava-o apenas a perda irreparável do mistério, com que ele esperava enriquecer.

— O senhor é um monstro! — disse-lhe finalmente Lisavieta Ivânovna.

— Eu não queria a sua morte — respondeu Hermann —, a minha pistola não estava armada.

Calaram-se.

Amanhecia. Lisavieta Ivânovna apagou a vela que estava chegando ao fim; uma luz pálida espalhou-se pelo quarto. Enxugou os olhos chorosos e levantou-os para Hermann; ele estava sentado no rebordo da janela, os braços cruzados, o sobrecenho ameaçadoramente franzido. Lembrava surpreendentemente o retrato de Napoleão. Esta semelhança surpreendeu a própria Lisavieta Ivânovna.

— Como vai sair da casa? — disse ela finalmente. —

Pensei em levá-lo por uma escada secreta, mas é preciso passar pelo quarto dela, e eu tenho medo.

— Diga-me como encontrar essa escada secreta e eu vou sair.

Lisavieta Ivânovna levantou-se, tirou da cômoda uma chave, entregou-a a Hermann e deu-lhe uma explicação minuciosa. O rapaz apertou-lhe a mão fria, inerte, beijou-lhe a cabeça inclinada e saiu.

Desceu a escada em caracol e tornou a entrar no quarto da condessa. A velha morta estava sentada, com uma rigidez de pedra; o seu rosto expressava uma profunda tranqüilidade. Hermann deteve-se diante dela e passou muito tempo olhando-a, como que desejando certificar-se da terrível verdade; finalmente, entrou no escritório, apalpou atrás do forro da parede uma porta e começou a descer uma escada escura, agitado por estranhos sentimentos. Por esta mesma escada, pensou ele, uns sessenta anos atrás, avançava talvez, para este mesmo quarto, a essa mesma hora, num cafetã bordado, penteado à *l'oiseu royal*, apertando ao coração o seu tricórnio, um jovem felizardo, que há muito apodreceu em seu túmulo, e o coração da sua velha amante deixou hoje de bater...

Sob a escada, Hermann encontrou uma porta, que ele abriu com a mesma chave, e foi dar num corredor que o levou a rua.

## V

*Esta noite, apareceu-me a finada baronesa von W. Estava toda de branco e disse-me: "Boa-noite, senhor conselheiro!"*

Swedenborg

Três dias depois da noite fatal, Hermann foi às nove da manhã ao mosteiro de..., onde deviam realizar-se os funerais da condessa. Não sentindo arrependimento, ele não conse-

guia, no entanto, abafar totalmente a voz da consciência, que lhe repetia: és o assassino da velha! Possuindo pouca fé autêntica, tinha, porém, muitos preconceitos. Acreditava que a condessa defunta podia exercer uma ação maléfica sobre a sua existência, e decidiu aparecer no seu enterro, a fim de pedir-lhe perdão.

A igreja estava cheia. A muito custo Hermann conseguiu romper a multidão. O ataúde fora colocado sobre um suntuoso catafalco sob um dossel de veludo. A morta jazia nele, as mãos cruzadas sobre o peito, com touca de renda e um vestido de cetim branco. Cercavam-na a família e a criadagem; os criados de cafetã negro, guarnecidos nos ombros com listões brasonados, e segurando velas; os parentes — filhos, netos e bisnetos — todos de luto profundo. Ninguém chorava: as lágrimas seriam *une affectation*. A condessa era tão velha que a sua morte não poderia surpreender ninguém, e os seus parentes olhavam-na havia muito como uma pessoa que já vivera o devido. O jovem arcebispo proferiu a alocução fúnebre. Com palavras singelas e tocantes, representou ele o passamento tranqüilo daquela mulher justa, cujos longos anos constituíram uma preparação quieta e comovedora para a morte cristã. “O anjo da morte encontrou-a — disse o orador — vigilante em suas meditações piedosas à espera do Noivo da Meia-Noite”.<sup>11</sup> O ofício divino foi executado com uma compostura dolente. Os parentes foram os primeiros a despedir-se da morta. Seguiram-se os numerosos convidados, vindo para inclinar-se perante aquela que desde tanto tempo participara dos seus frívolos divertimentos. E, depois deles, todos os da casa. Finalmente, aproximou-se uma velha grã-senhora, a favorita da morta, da mesma idade que esta. Duas jovens criadas sustinham-na. Não conseguia inclinar-se até o chão, e foi a única a derramar algumas lágrimas, depois de

<sup>11</sup> Alusão à parábola narrada em *Mateus*, 25, referente a cinco virgens loucas e cinco prudentes que esperavam de noite a vinda do noivo.

beijar a mão fria de sua ama. Hermann decidiu-se a aproximar-se do ataúde logo depois. Inclinou-se até o chão e passou algum tempo deitado sobre as lajes frias, juncadas de ramos de pinheiro. Finalmente, soergueu-se, pálido como a própria defunta, subiu os degraus para o catafalco e inclinou-se... Nesse momento, teve a impressão de que a morta dirigia-lhe um olhar de mofa, entrecerrando um olho. Hermann recuou apressadamente, deu um passo em falso e caiu de costas. Ergueram-no. Ao mesmo tempo, Lisavieta Ivânovna era carregada sem sentidos para o adro. Este incidente perturbou por alguns instantes a solenidade do sombrio ritual. Ergueu-se entre os presentes um murmúrio abafado, e um camarista esquálido, parente próximo da morta, segredou no ouvido de um inglês ao seu lado que o jovem oficial era filho ilegítimo da velha, ao que o inglês respondeu friamente: “Oh?”.

Hermann esteve muito acabrunhado o dia todo. Jantando numa taverna pouco freqüentada, contrariou os seus hábitos e bebeu em grande abundância, na esperança de abafar a perturbação interior. Mas o álcool inflamava-lhe ainda mais a imaginação. Voltando para casa, atirou-se no leito sem se despir e adormeceu profundamente.

Quando acordou, já era noite: o luar iluminava-lhe o quarto. Consultou o relógio: faltavam quinze para as três. Passara-lhe o sono; sentou-se, pois, no leito e pensou nas exéquias da velha condessa.

Nesse ínterim, alguém espiou da rua pela sua janela pequena, e imediatamente se afastou. Hermann não deu a menor importância ao fato. Um instante depois, ouviu que abriam a porta do vestíbulo. Pensou que fosse o seu ordenança que estivesse voltando do passeio noturno, bêbado como de costume. Mas ele ouviu passos desconhecidos: alguém caminhava, arrastando suavemente os chinelos no chão.

A porta se abriu e entrou uma mulher de branco. Hermann tomou-a pela sua velha ama-de-leite e admirou-se do que podia tê-la trazido em tal hora. Mas, deslizando, a mu-

lher branca achou-se de súbito diante dele, e Hermann reconheceu a condessa!

— Vim à tua casa contra a minha vontade — disse ela, a voz firme —, mas tenho ordem de cumprir o teu pedido. Um três, um sete e um ás vão ganhar seguidamente para ti, mas com a condição de que não apostes mais de uma carta por dia e que nunca mais jogues, a vida toda. Perdôo-te a minha morte, contanto que te cases com a minha pupila Lisa-vieta Ivânovna.

Dito isso, virou-se suavemente, caminhou para a porta e desapareceu, sempre arrastando os chinelos. Hermann ouviu a porta bater na ante-sala, e viu que alguém tornara a espiar pela janela do quarto.

Durante muito tempo, não conseguiu voltar a si. Saiu para outro quarto. O seu ordenança dormia no chão; o rapaz conseguiu acordá-lo a muito custo. O ordenança estava bêbado, como de costume: não se podia obter dele nada. A porta para o vestíbulo estava trancada. Hermann voltou para o quarto, acendeu uma vela e tomou nota da sua visão.

## VI

— *Atandé!*<sup>12</sup>

— *Como se atreve a me dizer: atandé?!*

— *Vossa Excelência, eu disse: “queira atandé!”*

Duas idéias fixas não podem coexistir no mundo moral assim como, no mundo físico, dois corpos não podem ocupar ao mesmo tempo o mesmo espaço. O três, o sete e o ás logo esconderam na imaginação de Hermann o vulto da velha defunta. O três, o sete e o ás não lhe saíam da cabeça e moviam-

<sup>12</sup> Forma russificada do francês *attendez*. Empregava-se na gíria dos jogadores, com o sentido de: “Não aposte”.

se sobre os seus lábios. Vendo uma jovem, ele dizia: “Como é esbelta!... Um verdadeiro três de copas”. Perguntavam-lhe: “Que horas são?” — e ele respondia: “Faltam cinco para o sete”. Todo homem barrigudo lembrava-lhe um ás. O três, o sete e o ás perseguiam-no em sonhos, assumindo as mais diversas formas: o três floria diante dele qual esplêndida magnólia, o sete aparecia-lhe como um portão gótico, o ás, como uma aranha enorme. Todos os seus pensamentos fundiram-se num só: utilizar o segredo, que lhe custara tão caro. Começou a pensar na reforma e numa viagem. Era nas casas de jogo de Paris que ele queria obter da fortuna enfeitada aquele tesouro. O acaso livrou-o de maiores trabalhos.

Formara-se em Moscou uma sociedade de ricos jogadores, presidida pelo famoso Tchekálinski, que passara a vida toda no carteadado e obtivera milhões, ganhando no jogo notas promissórias e perdendo dinheiro sonante. A experiência de muitos anos assegurara-lhe a confiança dos companheiros, e a hospitalidade, um cozinheiro célebre, e a sua afabilidade e gênio alegre conseguiram o respeito da sociedade. Veio a Petersburgo. Os jovens acorreram em massa ao seu estabelecimento, esquecendo os bailes pelas cartas e preferindo os encantos do faraó à sedução da galanteria. Narumov levou Hermann à sua casa.

Atravessaram uma série de salas magníficas, cheias de criados corteses. Alguns generais e conselheiros privados<sup>13</sup> jogavam uíste; havia jovens refestelados em divãs de damasco, tomando sorvete e fumando cachimbo. O dono da casa ficava na sala de visitas, bancando diante de uma mesa comprida, junto à qual apertavam-se uns vinte jogadores. Ele tinha uns sessenta anos, e a mais respeitável das aparências; os seus cabelos eram cor de prata, o rosto cheio e fresco expressava bonacheirice; os olhos brilhavam-lhe, avivados por um

<sup>13</sup> Posto hierárquico do funcionalismo, no regime czarista.

eterno sorriso. Narumov apresentou-lhe Hermann, Tchekáliniski apertou-lhe amistosamente a mão, pediu-lhe que não fizesse cerimônia e continuou a bancar.

A rodada durou muito. Havia sobre a mesa mais de trinta cartas. Tchekáliniski fazia uma pausa depois de cada lance, a fim de dar tempo aos jogadores de providenciar tudo, anotava as quantias perdidas, ouvia cortesmente as reclamações, e ainda mais cortesmente endireitava o canto de uma carta, dobrado por mão distraída. Finalmente, acabou a rodada. Tchekáliniski baralhou as cartas e preparou-se para bancar novamente.

— Permita-me apostar uma carta — disse Hermann, estendendo o braço, por trás de um cavalheiro gordo. Tchekáliniski sorriu e inclinou-se calado, em sinal de pleno assentimento. Rindo, Narumov cumprimentou Hermann pelo rompimento de um longo jejum e desejou-lhe um feliz começo.

— Pronto! — disse Hermann, escrevendo a giz, acima da sua carta, o montante da aposta.

— Quanto? — perguntou o banqueiro, entrecerrando os olhos. — Perdão, não estou vendo.

— Quarenta e sete mil — respondeu Hermann.

Dito isso, todas as cabeças se voltaram no mesmo instante e todos os olhos se fixaram em Hermann. “Ele perdeu a cabeça!” — pensou Narumov.

— Permita observar-lhe — disse Tchekáliniski, com o seu sorriso invariável — que o seu jogo é forte: aqui, nunca se apostou mais de duzentos e setenta e cinco numa carta.

— E então? — retrucou Hermann. — Aceita a minha aposta ou não?

Tchekáliniski inclinou-se com o mesmo ar de humilde assentimento.

— Eu só queria comunicar-lhe — disse ele — que, tendo merecido a confiança dos meus sócios, não posso bancar a não ser com dinheiro sobre a mesa. Da minha parte, naturalmente, estou certo de que a sua palavra é suficiente, mas,

para a boa ordem do jogo e da contabilidade, peço-lhe que deposite o dinheiro sobre a carta.

O rapaz tirou do bolso uma cédula e estendeu-a a Tchekálinski, que, depois de lançar-lhe um rápido olhar, depositou-a sobre a carta de Hermann.

Começou a bancar. À direita, caiu um nove, à esquerda um três.

— Ganhei! — disse Hermann, mostrando a sua carta.

Um murmúrio elevou-se entre os jogadores; Tchekálinski franziu o cenho, mas o sorriso voltou-lhe no mesmo instante ao rosto.

— Quer receber? — perguntou ele a Hermann.

— Sim, faça-me o favor.

Tchekálinski tirou do bolso algumas cédulas e logo fez as contas. Hermann recebeu o dinheiro e afastou-se da mesa. Narumov não conseguia voltar a si. Hermann tomou um copo de limonada e foi para casa.

Na noite seguinte, apareceu novamente na casa de Tchekálinski. Era este ainda quem bancava. Hermann acercou-se da mesa; os jogadores abriram no mesmo instante espaço para ele. Tchekálinski cumprimentou-o afavelmente.

Hermann esperou nova rodada e apostou numa carta, cobrindo-a com quarenta e sete mil rublos e mais o lucro da véspera.

Tchekálinski bancou. Saiu um valete à direita, um sete à esquerda.

Hermann descobriu o seu sete.

Todos soltaram um “ah!”. Tchekálinski ficou evidentemente confuso. Contou noventa e quatro mil rublos e passou-os a Hermann. Este recebeu-os com sangue frio e afastou-se no mesmo instante.

Na noite seguinte, ele apareceu mais uma vez à mesa. Todos o esperavam. Os generais e conselheiros privados deixaram o seu uíste, a fim de apreciar um jogo tão extraordinário. Os jovens oficiais pularam dos seus divãs; os criados reu-

niram-se na sala de visitas. Todos rodearam Hermann. Os demais não fizeram as suas apostas, esperando impacientes que ele terminasse o seu jogo. Hermann estava em pé junto à mesa, preparando-se para jogar sozinho, contra o pálido, mas sempre sorridente Tchekálinski. Cada um abriu um novo baralho, Tchekálinski baralhou as cartas. Hermann retirou a sua e fez a aposta, cobrindo a carta com um maço de cédulas. Parecia um duelo. Um profundo silêncio reinava ao redor.

Tchekálinski pôs-se a bancar, as mãos trêmulas. À direita, saiu uma dama, à esquerda, um ás.

— O ás ganhou! — disse Hermann e descobriu a sua carta.

— A sua dama está morta — disse afavelmente Tchekálinski.

Hermann estremeceu: realmente, em lugar do ás, tinha na frente uma dama de espadas. Não acreditava no que via, não compreendendo como pudera se enganar.

Nesse momento, teve a impressão de que a dama de espadas entrecerrava um olho e sorria com mofa. Espantou-o aquela semelhança extraordinária...

— A velha! — gritou horrorizado.

Tchekálinski puxou para si as cédulas que ele perdera. Hermann permanecia imóvel. Quando se afastou da mesa, teve início uma conversa animada. — Bonita aposta! — comentavam os jogadores. Tchekálinski tornou a baralhar, e o jogo prosseguiu como de costume.

## CONCLUSÃO

Hermann enlouqueceu. Está no hospital de Obúkhov, no número 17, não responde a nenhuma pergunta e murmura com extraordinária rapidez: “Três, sete, ás! Três, sete, dama!...”.

Lisavieta Ivânovna casou-se com um jovem muito amá-

vel; ele trabalha em alguma repartição e tem uma fortuna considerável; é filho do antigo administrador da velha condessa. Lisavieta Ivânovna mantém uma pobre parenta, que se educa em sua casa.

Tômski foi promovido a capitão e vai casar com a princesa Polina.